

Falta de chuva já

Poços artesanais e reservatórios

DF - AGRICULTURA

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, domingo, 15 de fevereiro de 1987 25

preocupa os produtores

podem ser a saída para enfrentar a estiagem

ANA CLAUDIA BARBOSA
Da Editoria de Cidade

A dois meses do início da seca, os agricultores já começam a procurar os técnicos da Emater na busca de possíveis soluções aos problemas que, certamente, aparecerão. Radicalmente prejudicados com a pouca chuva que caiu durante os 12 meses de 1986, os mananciais de água do cerrado podem ser insuficientes para abastecer a população e, principalmente, saciar a sede dos hortigranjeiros que só sobrevivem à seca de abril a setembro com a ajuda da irrigação.

A construção de reservatórios e poços artesanais é uma idéia cada vez mais viva entre os produtores e bastante incentivada pela Emater. "Esta é uma das saídas para guardar água da chuva para a seca", confirma Idéio Guilherme Sordi, secretário da Comissão de Irrigação, Drenagem e Conservação de Solo do DF. A situação está chegando a um ponto tão crítico que a Comissão já registrou a queda na capacidade de vazão de alguns riachos em até 70 por cento. "Estamos com as reservas mínimas", alerta Sordi.

A tudo isso é somado o aumento da população e das plantações, requerendo maior quantidade de água. O problema ficou mais sério ainda com a entrada do ano, quando deveria estar chovendo abundantemente, mas até agora só foram computados pelo Instituto Nacional de Meteorologia 78,6 mm de chuvas. E para que as plantações fiquem saudáveis, as minas d'água voltem a brotar e os riachos a encher nos níveis normais de sua capacidade, será necessário chover 2 mil mm, calcula Guilherme Sordi. Mas esta é uma alternativa pouco confiável se permanecer o baixo índice pluviométrico de 1986, quando choveu apenas 967 mm.

SÃO BARTOLOMEU

As opções de solução ficam então restritas à construção de barragens exclusivas à irrigação das lavouras. O lago São Bartolomeu, por exemplo, (que ainda se encontra em fase de estudos e sem a menor previsão para o início das obras) será uma saída a longo prazo, mas apenas para a falta de água que atinge a população do DF.

A Caesb, segundo informação de Sordi, interditou à agricultura na semana passada os ribeirões formadores do rio São Bartolomeu (Pipiripau e Mestre D'Armas) e as bacias do córrego Ponte Alta, do ribeirão Alagado e do Descoberto, que abriga em seu leito grande área de plantação de hortaliças. Somente continuarão desfrutando das águas destes rios os agricultores que já os utilizavam na irrigação. Novos projetos estão vetados.

A razão da medida é priorizar a população, que no futuro pode estar ameaçada pela falta de água, pensam os técnicos da Emater. O gerente de irrigação e drenagem da Empresa, Elmano Ayer, esclarece que até abril a safra do Distrito Federal já estará colhida. E maio começa safra nova. "As hortaliças, geralmente cultivadas por médios produtores, é que continuam sendo irrigadas e podem ser muito prejudicadas", afirma.

Ayer conta ainda que em Minas Gerais a situação está pior, apesar das chuvas que caíram em janeiro. "Lá, os produtores estão até com medo de aplicar dinheiro", diz.

No DF a situação caminha pela mesma corda bamba. "Os produtores estão bem preocupados com a seca que vai chegando (abril)", exclama Guilherme Sordi, que enquanto conversava com a repórter, recebeu um telefonema da proprietária de uma chácara na região próxima a Sobradinho, indagando sobre qual o procedimento a tomar com a falta d'água em seu terreno. "Houve um caso recente de um produtor que procurou a Emater contando que a mina de água localizada em sua propriedade havia secado", exemplifica.

Outro caso que demonstra claramente a situação crítica vivida pelos agricultores é contado por Elmano Ayer: "Em Taguatinga já aconteceu uma briga entre os produtores por falta de água para irrigação. Os da região alta (mais próximos ao riacho ou córrego que abastece a propriedade) estão retirando toda a água para suas plantações e os que cultivam na região baixa acabam prejudicados".

DESMATAMENTO

O desmatamento descontrolado é uma das principais razões para esta mudança climática — ocasionando uma grande diminuição no índice pluviométrico da região — na lógica do secretário da Comissão de Irrigação. Para ele o fato de o DF estar numa área alta (planalto) de 1 mil a 1 mil 200 metros acima do nível do mar, com poucas nascentes e bacias e sem rios grandes, além de uma seca acentuada entre os meses de abril a setembro, desfavorece os produtores que não tenham como financiar projetos de irrigação. Cultivar no cerrado sem ter água para manter a produção é tarefa impossível.

Desde o final de 1986 alguns produtores desistiram de esperar ajuda de São Pedro e trataram de construir poços artesanais. A Emater, que não conhece a técnica, já está começando a se interessar pelo assunto, confessa Guilherme Sordi, também funcionário do órgão.

Mas nem todos são adeptos do mesmo pensamento. Luis Cavalcante, diretor da divisão de previsão do tempo do Instituto de Meteorologia, não aponta o desmatamento como causa para a brusca queda de precipitação verificada em 1986. "As pessoas têm mania de afirmar que o clima está mudando, quando isso não ocorre. Ano passado a pouca chuva deveu-se a vários fatores, como o bloqueio da massa equatorial continental, e das frentes frias, pela forte atuação de centros de alta pressão aqui na região", explica.

Cavalcante tenta esclarecer que uma análise para saber se o tempo está mudando requer muitos anos de acompanhamento regular e o Instituto não tem condições de fazer este estudo. Em 1983 Brasília recebeu 2 mil e 19 mm de chuva; bem acima da média da região, de 1 mil 570mm. Em 1984 o nível baixou para 1 mil 118mm; em 1985 subiu para 1 mil 526mm e finalmente em 1986 a precipitação ficou muito baixa, 967 mm.